

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Curso de Biblioteconomia

Áuria Machado da Rosa

Práticas informacionais no Instagram:
Ações de letramento racial no perfil Primeiros Negros

Porto Alegre
2022

Áuria Machado da Rosa

Práticas informacionais no Instagram:

Ações de letramento racial no perfil Primeiros Negros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Porto Alegre

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitoria: Prof. Dr. Carlos André Bulhões Mendes

Vice-reitoria: Prof^a Dr^a Patrícia Helena Lucas Pranke

FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

Direção: Prof^a Dr. Ana Maria de Moura

Vice-direção: Prof^a Dr^a Vera Regina Schmitz

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Chefia: Prof^a Dr^a Rita do Carmo Ferreira Laipelt

Chefia substituta: Samile Andréa de Souza Vanz

COMISSÃO DE GRADUAÇÃO DO CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Coordenação: Prof^a Dr^a Maria Lúcia Dias

Coordenação substituta: Prof^a Dr^a Helen Rose de Flores

CIP - Catalogação na Publicação

Rosa, Áuria Machado da
Práticas informacionais no Instagram: ações de
letramento racial no perfil Primeiros Negros / Áuria
Machado da Rosa. -- 2022.
56 f.
Orientador: Rodrigo Silva Caxias de Sousa.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade
de Biblioteconomia e Comunicação, Curso de
Biblioteconomia, Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Letramento racial. 2. Práticas informacionais.
3. Informação étnico-racial. I. Sousa, Rodrigo Silva
Caxias de, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação

Departamento de Ciências da Informação

Rua Ramiro Barcelos, 2705 - Campus Saúde

Bairro Santana, Porto Alegre - RS CEP 90035-007

Telefone: (51) 3308.5067

E-mail: fabico@ufrgs.br

Áuria Machado da Rosa

Práticas informacionais no Instagram:
Ações de letramento racial no perfil Primeiros Negros

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharela em Biblioteconomia da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa

Aprovada em: __/__/____.

BANCA EXAMINADORA:

Orientador - Prof. Dr. Rodrigo Silva Caxias de Sousa
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Helen Rose Flores de Flores
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Mestre Sabrina Clavé Eufrásio
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família, ao meu pai, Aury, à minha mãe, Vânia e à minha irmã, Amanda por todo o apoio e carinho que me deram durante esse difícil e longo processo de elaborar este trabalho, em meio de tantos momentos de ansiedade, incertezas e autocríticas.

Agradeço ao meu orientador, professor Rodrigo Caxias, por todas as contribuições valiosas dadas ao longo deste trabalho.

RESUMO

Este estudo busca analisar quais práticas informacionais desenvolvidas no perfil do Instagram Primeiros Negros, permeiam em promover ações de letramento racial. O estudo netnográfico, de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa, incide em resgatar questões de raça e gênero em suas inúmeras perspectivas de práticas informacionais, promover ações de letramento racial na produção, compartilhamento e troca de informações e elencar os conceitos de informação étnico-racial, letramento racial e letramento racial crítico. Através do corpus de dados com 33 postagens, observadas com a técnica de análise de conteúdo e demais técnicas não utilizadas na Ciência da Informação, a partir dos resultados obtidos, foi constatado que fortalecer a identidade negra é uma ferramenta empoderadora, onde ao desconstruir práticas racistas naturalizadas e questionar tais comportamentos problemáticos, incidem na manifestação do letramento racial e no fomento de uma educação antirracista nos espaços informacionais.

Palavras-chave: Letramento racial. Práticas informacionais. Informação étnico-racial.

ABSTRACT

This study seeks to analyze which informational practices developed in the Instagram page Primeiros Negros, permeate to promote actions of racial literacy. The netnographic study, exploratory-descriptive and qualitative approach, focuses on rescuing issues of race and gender in its numerous perspectives of informational practices, promote actions of racial literacy in the production, sharing and exchange of information and list the concepts of ethnic-racial information, racial literacy and critical racial literacy. Through the corpus of data with 33 posts, observed with the technique of content analysis and other techniques not used in Information Science, from the results obtained, it was found that strengthening the black identity is an empowering tool, where by deconstructing naturalized racist practices and questioning such problematic behaviors, focus on the manifestation of racial literacy and the promotion of an anti-racist education in informational spaces.

Keywords: Racial Literacy. Informational practices. Ethnic-racial information.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Postagem Dona Ivone Lara.....	38
Figura 2 - Postagem Chimamanda Adichie	39
Figura 3 - Postagem Mercedes Baptista	41
Figura 4 - Comentários do post sobre Mercedes Baptista.....	42
Figura 5 - Segunda parte de comentários sobre Mercedes Baptista.....	43
Figura 6 - Postagem Bakhita e Nhá Chica	44
Figura 7 - Comentários de seguidora e fundadora do perfil	45
Figura 8 - Postagem a pauta das pretas	46
Figura 9 - Postagem Projeto Cabelo Afro Feminino	47

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Categorias e subcategorias emergidas	35
---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS	11
1.1.1 Objetivo geral.....	11
1.1.2 Objetivos específicos.....	11
1.2 JUSTIFICATIVA	11
2 DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL	13
2.1 PRÁTICAS INFORMACIONAIS	13
2.2 RAÇA E INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL	17
2.3 LETRAMENTO RACIAL E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: DISTINÇÕES CONCEITUAIS E POTENCIALIDADES	20
3 METODOLOGIA	32
4 ANÁLISE DOS DADOS	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE A – CONTATO COM O PERFIL	55

1 INTRODUÇÃO

O estranhamento em relação a questões que relacionassem a informação a aspectos étnico-raciais durante o processo formativo em Biblioteconomia transforma a experiência do discente ingressante na área, moldando seu olhar da prática profissional alternando entre uma crise de identidade social e racial.

A falta de representação e inclusão da questão étnico-racial no curso acarreta em observar uma dificuldade em presenciar profissionais bibliotecários negros nestas instituições e organizações, visto que quando estes estão atuando nestes locais, enfrentam barreiras e discriminações, perceptíveis ou não.

O não reconhecimento do trabalho do profissional, a manifestação e reprodução de comentários e atos racistas por parte de colegas, gestores e por parte dos próprios usuários e/ou consumidores da informação sobre aspectos físicos interligados diretamente com a cor da pele, são alguns exemplos de situações geradas pelo racismo, tanto no trabalho quanto no cotidiano, despertando uma reflexão sobre qual o papel da Ciência da Informação ao possibilitar a discussão de pautas sociais em seus estudos.

Diante disso, justifica-se a proposta deste estudo, “uma vez que se entende que o curso de formação de bibliotecários no Brasil sempre manteve uma área elitista, não raro assumindo características excludentes.” (SANTOS JÚNIOR, 2021, p. 140). Ressaltamos a necessidade da questão étnico-racial ser incluída nos estudos aplicados à Ciência da Informação, tendo em vista o caráter eurocêntrico e classista da formação acadêmica, que permanece ignorar a desigualdade e a ausência da diversidade étnico-racial nos espaços e fontes de informação.

Por sua vez, as redes sociais possibilitam a construção de comunidades virtuais onde as vozes desses sujeitos historicamente marginalizados são fortalecidas, através de uma linguagem interativa e acessível, outros indivíduos estabelecem conexões através do engajamento entre as postagens feitas neste espaço. Diante disso, perfis criados na rede social Instagram com foco na população negra proporcionam, além da interação virtual através da produção de conteúdos, ações instrutivas de combate ao racismo, promovendo a diversidade sociocultural e a discussão de forma informal, através das práticas informacionais aplicadas nestes perfis.

A manifestação do racismo reforça os estereótipos em relação a população negra, como a atribuição de trabalhos subalternos, a hipersexualização e exploração da mulher negra, e as dificuldades enfrentadas no mercado de trabalho, no acesso à educação, saúde e cultura, criam barreiras que impossibilitam sua ascensão social e econômica, restringindo o acesso e disseminação da informação a um grupo seletivo e privilegiado.

Situações de racismo enfrentadas desde a infância até a construção da vida adulta afetam o psicológico da população negra, e a construção de sua identidade, pois o processo de reconhecer-se e tornar-se um sujeito racializado é complexo. Estudos sobre a expressão racial *studies* vem sendo utilizada como forma de identificar estudos em diferentes áreas do conhecimento.

Dada a escassez da abordagem da produção científica sobre raça na Ciência da Informação, a necessidade de abordar o tema escolhido baseia-se na importância em abordar a diversidade étnico-racial na produção, compartilhamento e disseminação informacional, para refletir sobre os privilégios escondidos na igualdade no acesso e democratização da informação, de forma justa e humanizada.

Nesse contexto, analisou-se as práticas informacionais presentes no perfil do Instagram “Primeiros Negros”. Esta análise foi realizada através de uma pesquisa com natureza básica estratégica, de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa, utilizando o método de pesquisa netnográfico. O perfil possui 1.839 seguidores, 209 publicações e “propõe a adoção de atitudes antirracistas, igualitárias, a partir do conhecimento, da informação, do pensar juntos.” (PRIMEIROS NEGROS, 2022). Estudos que observem práticas informacionais relativas ao letramento racial, a população negra e a Biblioteconomia e Ciência da Informação, acarretaram na busca de conceitos sobre letramento racial fora do campo de estudos da área, que foram consequência de um processo metodológico.

O objeto de estudo da pesquisa se constitui na análise das práticas informacionais para o letramento racial na comunidade Primeiros Negros. Diante disso, busca-se responder: **Como se caracterizam as práticas informacionais de letramento racial no perfil do Instagram Primeiros Negros?**

1.1 OBJETIVOS

Os objetivos a serem alcançados neste trabalho são descritos abaixo.

1.1.1 Objetivo geral

Analisar as práticas informacionais de letramento racial efetivadas no perfil do Instagram “Primeiros Negros”.

1.1.2 Objetivos específicos

- a) elencar perspectivas teórico-conceituais relativas às práticas informacionais;
- b) apresentar as noções e conceitos de informação étnico-racial, letramento racial e letramento racial crítico;
- c) elencar categorias de análise relacionadas aos feeds (posts) arrolados no perfil;
- d) interpretar o conteúdo dos feeds (posts) de notícias sobre mulheres negras.

1.2 JUSTIFICATIVA

A Ciência da Informação assim como outras áreas do conhecimento é um campo de estudo extremamente eurocêntrico e masculino, que mostra apenas um lado de uma história silenciada e oprimida pelo colonizador, dando espaço apenas para uma visão elitista da Biblioteconomia e Ciência da Informação.

O debate sobre a questão do negro na sociedade é pouco discutido em sala de aula, especialmente nos cursos de Graduação em Biblioteconomia, o que enfatiza a urgência em resgatar esta temática na área, pois o bibliotecário é um profissional que deve respeitar e compreender a diversidade multicultural presente nos espaços informacionais.

A população negra é discriminada de todas as formas em todas as esferas possíveis (social, política, cultural e econômica), desde a construção deste território.

O Brasil é um país racista e tenta esconder um passado de violência e opressão ao povo negro idealizando o mito da “democracia racial”, onde negros e brancos vivem em total harmonia e possuem as mesmas oportunidades e condições, sendo que quem mais sofre com o desemprego, baixos níveis de escolaridade, violência doméstica, de gênero e violência policial, além de falta de recursos para acesso digno a saúde é a população negra.

Alunos negros de Biblioteconomia, futuros bibliotecários negros precisam ser e se sentirem representados. É necessário resgatar a ancestralidade e a importância da cultura africana e trazê-la para a Ciência da Informação, mostrando que a história da África vai além da versão que reduz o negro a indivíduo escravizado, para que bibliotecários negros sejam reconhecidos pelo seu trabalho, e não apenas por serem bibliotecários de cor.

Existem publicações sobre a Black Librarianship (Biblioteconomia Negra Americana) desde aproximadamente a década de 1960, enquanto no Brasil a temática ganhou relevância apenas nos últimos 5 anos. A quantidade de artigos publicados sobre a temática racial na Biblioteconomia, em sua maioria, está na língua inglesa, enquanto a pesquisa de trabalhos sobre este assunto em português retornou poucos resultados.

É preciso questionar a branquitude atrelada à profissão bibliotecária. Esta é uma área conservadora, formada em sua maioria por mulheres brancas de classe média. A área sofre um problema de recorte racial, pois se grande parte dos profissionais formados na área são pessoas brancas do sexo feminino, é necessário levantar a importância de refletir sobre a situação da mulher negra na Biblioteconomia e Ciência da Informação.

Merece destaque o surgimento de uma Biblioteconomia Negra Brasileira, com pesquisadores publicando textos na área em periódicos, congressos e repositórios, mas que não está sendo reconhecida e explorada no espaço acadêmico. Em meio a um lento desenvolvimento, muitos avanços precisam ser feitos. A inclusão de uma bibliografia da questão do negro na Biblioteconomia e Ciência da Informação é um instrumento de transformação e representatividade.

Mas para além disso a Biblioteconomia também precisa ampliar seu escopo de investigações, de tal forma que práticas informacionais que ultrapassem o âmbito da biblioteca, materializadas em redes sociais, sejam desveladoras das desigualdades relativas à raça e gênero.

2 DISCUSSÃO TEÓRICO-CONCEITUAL

Nesta seção, serão abordados os conceitos de práticas informacionais, informação étnico-racial e letramento racial e crítico. Diante da análise de estudos na Ciência da Informação sobre práticas informacionais, destaca-se o uso da rede social Instagram em diferentes perspectivas, além de estudos na Ciência da Informação que abordam a netnografia.

Estes perfis na web, quando abordam fenômenos de informação, e evidenciam sujeitos historicamente subjugados, estabelecem ações de letramento. Nesse sentido, distintos perfis, plataformas e comunidades na web contribuem para o empoderamento desses grupos discriminados (EUFRÁSIO, 2021; SALDANHA, 2021). Ademais, incidem no letramento racial acerca de mulheres negras, sendo iminente abordar, dentro da Ciência da Informação, questões nas perspectivas de raça e gênero.

Na primeira parte, apresenta-se algumas definições de práticas informacionais, além do uso de perfis do Instagram como ferramentas de inclusão e educação para as diversidades. Na segunda parte, será abordado o conceito de informação étnico racial, e como a problemática da invisibilização da população negra na Ciência da Informação resgata a urgência em resgatar e desvelar as potencialidades do letramento racial como objeto de estudo.

Na terceira parte, são abordados os conceitos de letramento racial e letramento racial crítico, e como a compreensão destes termos ressalta que, para existir uma educação étnico-racial que combata as discriminações existentes, são necessárias abordagens a serem exploradas em um caráter sociocultural.

2.1 PRÁTICAS INFORMACIONAIS

Os estudos de práticas informacionais historicamente são fruto de ampliações oriundas dos estudos de usuários, visando satisfazer as necessidades do sujeito usuário da informação.

Apresentamos diversificadas perspectivas sobre práticas informacionais, de raça e gênero voltadas para a população negra, através do uso da rede social Instagram.

A concepção de práticas informacionais possui sua base na área das Ciências Humanas e Sociais, onde é necessário compreender aspectos culturais, sociais e de caráter coletivo, considerando as necessidades de informação dos usuários e a credibilidade das fontes atreladas aos recursos informacionais. Portanto:

Entendemos por práticas informacionais os processos que envolvem as necessidades, a busca, o uso, a produção e a disseminação de informações pelos indivíduos em todos os momentos da sua vivência dada em determinadas condições históricas e sociais, que variam no espaço e no tempo. (PINTO; ARAÚJO, 2019, p. 29)

Para Olsson e Lloyd (2017), as práticas informacionais consistem em um conjunto de atividades e habilidades relacionadas à informação, com o foco na produção e compartilhamento do conhecimento, onde as práticas sociais e o contexto cultural do espaço no qual o usuário produtor e disseminador da informação está inserido são seus principais objetivos. Humanizar o processo de comportamento informacional nas comunidades virtuais exige recursos tecnológicos, informacionais, sociais e empíricos, a fim de expandir outros espaços e práticas.

Diante disso, Johansson e Limberg (2017) ressaltam que a relação entre práticas informacionais e letramento crítico proporcionam o empoderamento pessoal e comunitário, promovendo a igualdade social e a interação exploratória, desmantelando as hierarquias de poder no acesso à informação. Existe um potencial a ser explorado dentro dos estudos sobre práticas informacionais, que podem ser utilizados como tópico complementar nos estudos sobre letramento crítico, de forma indireta ou não.

Os estudos sobre práticas informacionais ganharam reconhecimento em 1996, de acordo com Araújo (2016). Através da análise de dados empíricos, realizados dentro de um espaço informacional localizado em uma instituição de saúde para o

tratamento de uma doença, foram identificadas associações com os estudos de usuários, comportamento informacional e estudos de uso.

Um dos mais importantes saldos das discussões promovidas neste evento, e em outros fóruns, foi a estabilização da compreensão de que é possível verificar, historicamente, a existência de três grandes modelos de estudos de usuários da informação: um primeiro, normalmente denominado “estudos de uso”, presente no campo desde suas origens nos anos de 1930, que teve maior presença nas décadas de 1960 e 1970, e que continua sendo realizado contemporaneamente; um segundo, denominado estudos de ‘comportamento informacional’, que surgiu no final da década de 1970, teve seu auge nos anos 1980, e que também continua sendo muito utilizado; e um terceiro, surgido em meados da década de 1990 e voltado para o estudo das “práticas informacionais. (ARAÚJO, 2016, p. 62).

Ao incorporar essas perspectivas, ações de caráter social, emocional e informacional são relacionadas às práticas informacionais, cujo objetivo é trazer uma visão crítica sobre as relações sociais buscando alcançar as necessidades dos sujeitos informacionais, apesar dos contrastes raciais, geográficos e individuais.

Assim, foi a partir dessas novas abordagens que o conceito de ‘práticas informacionais’ conquistou um espaço como alternativa crítica, que visa, além de superar o conceito de ‘comportamento informacional’, superar o engessamento e o isolamento das abordagens tradicionais e alternativas. Nesse sentido, a interação do usuário com a informação está baseada em um contexto social e histórico, e as “práticas informacionais representam a busca por informação pautada na relação informacional influenciada pelas interações sociais, de modo que compreendem os usuários e a informação em espaços diferentes, independentes, porém recíprocos. (BERTI; ARAÚJO, 2017, p. 395).

O acesso à informação é uma ferramenta de controle, ao determinar quem possui ou não o direito de usufruir, principalmente nos espaços digitais. Nesse sentido, merece destaque a distinção entre os conceitos de produção, compartilhamento e troca de informação na perspectiva dos estudos de usuários. A produção da informação consiste na relação do sujeito informacional com a realidade sociocultural, desencadeando seu compartilhamento, onde:

A palavra compartilhamento remete à necessidade de participação mútua, ou seja, as pessoas permitem compartilhar algo que seja de sua propriedade. No caso da informação, ela advém do conhecimento que

se torna explícito, utilizando-se dos meios de comunicação. (AMORIM; TOMAÉL, 2011, p.80)

A troca, por sua vez, consiste na manifestação onde “os atores empregam todas as formas e mecanismos de que dispõem, isto é, partilham ferramentas e recursos que usam no seu dia-a-dia.” (TOMAÉL; MARTELETO, 2006, p. 11). Diante disso, o processo de caracterizar a informação como ferramenta social se intensifica. Essas distinções, quando atreladas a possibilidade de letramento racial ultrapassam a dinâmica de invisibilidade de pessoas negras, acarreta na exclusão dos mesmos como usuários da informação, onde suas necessidades não são compreendidas e as possibilidades de tornarem-se usuários potenciais ou reais de espaços informacionais são desconsideradas, o que ressalta a urgência em resgatar a identidade cultural desses grupos e aplicar na busca de ações de informação que evidenciam a visibilidade dos mesmos.

Ao abordarmos a relação de determinado grupo social com a informação, precisamos resgatar a historicidade local e nacional onde vive o grupo, considerando categorias como, por exemplo, gênero, classe social, etnia, não somente como meros atributos para a caracterização dos sujeitos. Essas categorias vistas do ponto de vista histórico-social têm muito a nos dizer sobre a conformação das práticas informacionais (PINTO; ARAÚJO, 2019, p. 29)

A exclusão de grupos sociais dos ambientes informacionais resulta em um fenômeno denominado como ‘ralé estrutural’, desenvolvido por Rabello e Almeida Junior (2020). Sua definição, do ponto de vista social e em caráter informacional, consiste meramente em apresentar “um contraponto ao conceito de usuário de informação ao suscitar reflexão sobre desigualdade, discurso meritocrático e invisibilidade de classes sociais [...]”. (RABELLO; ALMEIDA JUNIOR, 2020, p. 19)

Ao ignorar a existência de sujeitos historicamente marginalizados e silenciados como potenciais usuários de informação, seja em um espaço físico ou virtual, estes são considerados como “não-público” produtor e disseminador de informações de qualquer unidade de informação. Diante disso, “Considera-se a diversidade não como uma falha, mas como uma potência.” (ROCHA; GANDRA; ROCHA, 2017, p. 106). A Biblioteconomia e Ciência da Informação desconsidera a existência da denominada “ralé estrutural”, visto sua tendência em idealizar o usuário real como um indivíduo de classe média.

Diante disso, destaca-se a relevância do uso do Instagram como um meio de fortalecimento no uso de fontes de informação étnico-racial, pois através dos perfis criados neste espaço informacional voltados para a população negra, são estabelecidos vínculos de identidade, engajamento e interação, pois "podemos observar traços dos padrões estéticos da branquitude cisheteropatriarcal nas reações dos usuários do Instagram." (FERREIRA, 2021, p. 89). Por meio do debate de questões com foco com e para a comunidade negra, a disseminação destas pautas possui um alcance maior no espaço virtual em relação ao espaço físico. Diante disso, ressaltamos a relevância da abordagem do conceito de informação étnico-racial, apresentado na subseção seguinte.

2.2 RAÇA E INFORMAÇÃO ÉTNICO-RACIAL

A pertinência em discutir o conceito de raça imbricado ao de informação étnico-racial baliza as discussões desta subseção. A proposta aqui apresentada busca desvelar a compreensão de raça como parte de uma perspectiva socialmente construída e que está atrelada a relações de poder desenvolvidas historicamente.

Banton (1977) classifica o conceito de raça vinculado a definição de etnicidade, onde o primeiro está relacionado com um fator de exclusão, e o segundo atribuído a uma questão de identidade e inclusão, onde a crença em uma divisão racial constitui na conceitualização de grupos denominados como minorias raciais. "Até então, a terminologia da raça tinha sido principalmente usada pela população branca como um meio de definir os outros." (BANTON, 1977, p. 155). Caracterizar um grupo como parte de uma determinada raça estabelece barreiras na distinção entre raça e etnia, facilmente apontados como sinônimos, quando "estes conceitos se referem a realidades distintas. A raça é constituída por semelhanças físicas e etnia pela unidade cultural. Realidades distintas, conceitos distintos." (VIANA, 2007, p. 21).

O conceito de raça é utilizado de forma equívoca como etnia, visto que ambos possuem suas distinções no contexto histórico-cultural. Diante disso, é comum a apresentação de termos como "diversidade étnico-racial" ou "identidade étnico-racial" sem uma definição concisa sobre estas expressões. Para Munanga (2004), falar sobre a definição de raça e etnia causa um duplo uso, onde podem ser manipulados diante de especulações no sentido político. Em suas conceitualizações, o autor ressalta que etnia se caracteriza como um grupo de sujeitos "que histórica ou mitologicamente, têm

um ancestral comum; têm uma língua em comum, uma mesma religião ou cosmovisão; uma mesma cultura e moram geograficamente num mesmo território.” (MUNANGA, 2004, p.12). Em relação ao conceito de raça, Munanga constata que:

Podemos observar que o conceito de raça tal como o empregamos hoje, nada tem de biológico. É um conceito carregado de ideologia, pois como todas as ideologias, ele esconde uma coisa não proclamada: a relação de poder e de dominação. A raça, sempre apresentada como categoria biológica, isto é natural, é de fato uma categoria etnosemântica. De outro modo, o campo semântico do conceito de raça é determinado pela estrutura global da sociedade e pelas relações de poder que a governam. (MUNANGA, 2004, p. 6)

O debate sobre a definição de raça está diretamente relacionado à população negra ou, se trata de falar sobre outros indivíduos não-brancos, “desvelando que a articulação entre etnia e raça se constitui em preocupação condicionada por aspectos geográficos e interesse da comunidade acadêmica.” (EUFRÁSIO, 2021, p. 18).

Para Gomes (2012), a discussão sobre raça no Brasil em nenhum momento é abordada como um tema isolado, pois está atrelada por um contexto histórico, social, cultural, político e econômico. A definição do conceito de raça evidencia as relações sociais e as hierarquias de poder, criando as identidades sociais, onde “a ideia de raça passou por esse complexo processo e se tornou um potente instrumento de dominação social universal” (GOMES, 2012, p. 730). Essa ideia que fundamenta está pautada em um conjunto de informações através das quais ocorrem uma classificação e distinção dos seres humanos. É a partir da circulação de noções, termos e informações que balizam esse conceito que se instauram os privilégios em relação aos não-negros. Dessa forma possível depreender que raça é uma construção social que estabelece uma complexa conexão entre a discriminação e as relações étnico-raciais no Brasil, onde:

Ao politizar a raça, esse movimento social desvela a sua construção no contexto das relações de poder, rompendo com visões distorcidas, negativas e naturalizadas sobre os negros, sua história, cultura, práticas e conhecimentos; retira a população negra do lugar da suposta inferioridade racial pregada pelo racismo e interpreta afirmativamente a raça como construção social; coloca em xeque o mito da democracia racial. (GOMES, 2012, p. 731)

A racialização do ser humano, para Banton (1969), se manifesta através de fatores sociais e psicológicos. A continuidade de um abismo racial intensifica a

manutenção de controle de grupos historicamente privilegiados, desencadeando o mito da existência de uma suposta harmonia racial, sendo assim, um mecanismo produzido pelo racismo. Segundo Banton (1969), o racismo é uma doutrina onde a conduta do ser humano é atribuída por características hereditárias, baseadas em traços fenotípicos que estabelecem atribuições de superioridade e inferioridade a determinados grupos.

Segundo Costa e Melo (2021), o racismo não deve ser justificado pela falta de informação. No meio de um ato racista, o sujeito responsável fica passivo de culpa, ao usar o argumento de não possuir uma quantidade suficiente de informações para tomar consciência de que cometeu um ato errado, onde “O resultado dessa compreensão holística dos sistemas de dominação é a própria desracialização da estratificação social, à medida que a raça é apenas um desses mecanismos. (FERREIRA; QUEIROZ, 2018, p. 214)”.

Em meio aos estereótipos associados a população negra, a influência da informação na representação do negro traz uma perspectiva de descolonizar sua difusão, pois “Nesse sentido, racismo não é falta de informação, porém, a informação é utilizada para perpetuá-lo, construindo um ambiente que propicia tal prática.” (COSTA; MELO, 2021, p. 191).

De fato, pensar em uma representação histórica e social da informação voltada para grupos excluídos, incide em democratizar a produção, compartilhamento e troca, incidem sobre a possibilidade em ter acesso, pois o sujeito invisibilizado, ao não se ver representado nos espaços informacionais, desenvolve uma crise identitária, onde sua história é esquecida e silenciada. Como resposta a essa instrumental perspectiva, emerge a informação étnico-racial. Para Oliveira e Aquino (2012, p. 487):

Conceituamos informação etnicorracial como sendo todo elemento inscrito num suporte físico (tradicional ou digital), passivo de significação linguística por parte dos sujeitos que a usam, tendo o potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana. (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 487)

A falta de representação da identidade negra nas fontes de informação pode estar relacionada com a falta de uma comunicação acessível no reconhecimento da discriminação racial. Para Almeida (2019) a relação entre racismo e discriminação racial está através dos estereótipos relacionados a imagem do negro e ao uso da força

ou hostilidade em relação a grupos racializados, onde “o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes. (ALMEIDA, 2019, p. 32) ” e “a discriminação racial, por sua vez, é a atribuição de tratamento diferenciado a membros de grupos racialmente identificados”. (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Diante das distinções dos conceitos de racismo e discriminação racial, a necessidade de identificar meios para dismantelar ações e práticas racistas. Sendo assim, “Outro caminho informacional necessário de ser idealmente seguido, é o do aprendizado sobre a linguagem. Tal iniciativa começa com a racialização dos brancos. [...]”. (COSTA; MELO, 2021, p. 189). Aprender esta linguagem exige uma execução de práticas sociais e culturais que proporcionem o reconhecimento de desigualdades e privilégios, que balizam práticas de letramento racial e letramento racial críticos, aspectos que serão apresentados na próxima seção.

2.3 LETRAMENTO RACIAL E LETRAMENTO RACIAL CRÍTICO: DISTINÇÕES CONCEITUAIS E POTENCIALIDADES

O propósito dessa seção é distinguir os conceitos de letramento racial e letramento racial crítico, partindo do pressuposto que ambos se alicerçam em ações de informação que são efetivadas na sociedade. Essas ações especificamente, em relação a população negra, se caracterizam pela intencionalidade da circulação de informações étnico-raciais em relação à negritude.

Merece destaque que as práticas informacionais decorrentes de tais ações também buscam desvelar aspectos relativos à branquitude e o desdobramento de relações de poder dela advindos.

O conceito de letramento racial foi desenvolvido através dos estudos de Twine (2004), por um viés sociológico por meio de seu artigo intitulado *A white side of black Britain: The concept of racial literacy* e Guiner (2004), pelo ponto de vista jurídico e escolar, durante seu artigo *From racial liberalism to racial literacy: Brown v. Board of Education and the interest-divergence dilemma*, com base no julgamento do caso *Brown vs Board of Education of Topeka*, julgado pela suprema corte dos EUA entre dezembro de 1952 até maio de 1954, onde foi decidido ser inconstitucional a

segregação racial entre estudantes negros e brancos nas escolas públicas americanas.

Segundo Twine (2004), letramento racial é um processo de alfabetização antirracista que tem como objetivo responder às tensões raciais através de um ponto de vista individual. É preciso ensinar a identificar e compreender as hierarquias raciais, onde é impossível administrar racismos cotidianos se não forem ensinados a identificar essas manifestações naturalizadas do racismo.

Twine realizou um estudo baseado em uma pesquisa de campo, entrevistando 102 membros de famílias inter-raciais na Inglaterra, entre 1995 até 2002. A autora classificou os pais brancos de crianças negras como “racistas conscientes”, pois estes identificavam o racismo como um problema potencial para seus filhos, constatando que seria necessário utilizar recursos especiais (emocionais, políticos, culturais) para ajudá-los a lidar com as várias formas de racismo que viriam a enfrentar.

Com base na experiência de como pais brancos identificam, lidam e resistem ao racismo por seus filhos negros, Twine (2004) constatou um conjunto de ações educacionais para combater a discriminação racial e cultivar a identidade, os quais chamou de letramento racial. Entre essas ações, estão: Conscientização no lar: reconhecimento da branquitude e de seus privilégios diante da hierarquia racial; Acesso e contato com a cultura negra e relações sociais com crianças e adultos negros: práticas sociais para enfrentar o silenciamento da população negra; Estética e consumo de ícones da arte negra: preservar a autoestima e enfrentar o isolamento racial e cultural; Compreensão do racismo como um problema atual, onde práticas racistas apenas evoluíram com o tempo; Compreender que para o sujeito branco, a cor da pele determina espaços e funções; Debater sobre raça e racismo abertamente, através de uma gramática e um vocabulário racial; Saber identificar atos racistas, e posicionar-se diante deles.

Em relação ao objeto de estudo desta monografia, merece destaque a compreensão do racismo como um fenômeno social e histórico estabelecido pelo colonialismo e o período escravocrata no Brasil, estabelecendo conflitos resultantes na discriminação étnico-racial e na exclusão social da população negra.

Para Guiner (2004), o letramento racial é desenvolvido através de uma interação dinâmica entre raça, classe e espaço geográfico, com base na criação e manutenção das hierarquias raciais. Raça é uma categoria desenvolvida exclusivamente para pessoas negras, ao invés de ser um fator social que reforça os

privilégios econômicos e sociais, oculto por trás das desigualdades raciais. O letramento racial visualiza a raça como uma questão prioritária, pois aqueles que historicamente foram favorecidos e mantiveram seus privilégios por toda vida, manipularam o conceito de raça para estabelecer relações sociais, econômicas e políticas em benefício próprio.

Para a autora o letramento racial se desenvolve através de três aspectos: É um processo interativo onde raça funciona como uma ferramenta de diagnóstico, *feedback* e avaliação; enfatiza a relação entre raça e poder, onde o conceito de raça é visto em dimensões psicológicas, interpessoais e estruturais; embora o letramento racial tenha seu principal foco na raça, não se concentra exclusivamente nela.

Segundo Guiner (2004), a raça é usada para criar pontos de vista divergentes que manifestam as segregações sociais, onde as hierarquias raciais reforçam as diferenças dos interesses de grupos elitizados, de modo que a supremacia branca converte práticas discriminatórias como justificativas para continuar detendo o controle em relação aos grupos historicamente marginalizados. O racismo torna habitual essas hierarquias, desvia a atenção para a desigualdade social e conserva o poder dos que a perpetuam.

Para Guiner (2004), o letramento racial é contextual, e não universal. Não é um problema a ser resolvido de uma única maneira. Depende de ações, experiências e iniciativas. Letramento racial obriga-nos a repensar raça como um instrumento de controle social, geográfico e econômico de negros e brancos, oferecendo uma estrutura dinâmica para entender o racismo. Os interesses psicológicos escondem os interesses políticos, onde as desigualdades enfrentadas pelos negros são vistas como uma questão social de maior complexidade.

Guiner (2004) ressalta que raça é utilizada como um fator psicológico para brancos pobres da classe trabalhadora, pois essa hierarquia foi racializada tanto pelas elites para consolidar seu poder e privilégio quanto pelos brancos pobres para atenuar suas próprias circunstâncias degradadas. Quanto maior a possibilidade para tornar o letramento racial uma ferramenta de influência social e política, maior a capacidade dos meios jurídicos e legislativos prestarem suporte para pessoas de todas as etnias.

Laughter, Pellegrino, Waters e Smith (2021) realizaram uma análise comparativa dos estudos de Twine e Guiner (2004), e quais impactos tiveram nos estudos desenvolvidos após a publicação destes, servindo como modelos de referência para futuros estudos sobre letramento racial. Foi constatado que Guiner

(2004) apresenta em seu estudo uma visão do letramento racial através do racismo estrutural e institucional, enquanto Twine (2004) apresenta uma série de alternativas para identificar práticas antirracistas.

Ambas percepções trazem a necessidade de discutir raça e racismo além da cor da pele. A constituição do racismo na sociedade brasileira é uma questão carregada de aspectos históricos, sociais e econômicos, que permeiam na invisibilização e exclusão do negro no espaço acadêmico, no mercado de trabalho e nas relações interpessoais, sobretudo ao considerarmos o recorte de gênero atrelado a desigualdade racial. Proporcionar uma prática de letramento racial incide em expandir a discussão do racismo pensando em uma linguagem simplificada e acessível, com repercussão imediata, alcançando públicos diversificados.

O debate sobre letramento racial aborda a raça em uma perspectiva além do ensino e aprendizagem, onde estão envolvidas questões de poder e presença em espaços historicamente ocupados por pessoas brancas. Quando o assunto é discutido abertamente, trata-se menos de combater o racismo, e sim, como uma resposta a pressão social na obrigatoriedade em abordar o tema, de modo que discriminação racial seja visto por alguns como algo momentâneo. Diante disso,

O estudo do Letramento Racial Crítico pode contribuir para o surgimento de identidades mais comprometidas com a superação histórica das desvantagens, à medida que os indivíduos entendem o funcionamento das relações de poder e dos discursos, aprendem a respeitar sua história, identidade e coletivamente buscam meios para que uma sociedade mais justa e igualitária seja possível. (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 103)

A forma como os estudos abordaram o conceito de letramento racial e como foram utilizados no método de pesquisa foram avaliados, e para Laughter, Pellegrino, Waters e Smith (2021), alguns desses estudos abordaram o letramento racial como um campo teórico a ser utilizado como modelo para a pesquisa empírica, enquanto outros estudos abordaram o letramento racial como um método educativo a ser aplicado em sala de aula, com um foco exclusivamente no recorte sobre raça.

Foi identificado pelos autores a ausência de uma perspectiva social crítica, onde as complexidades do racismo na educação estivessem evidentes, além da lacuna em fornecer competências para tornar um sujeito letrado racialmente. Laughter, Pellegrino, Waters e Smith observaram que poucos desses estudos possuíam análises concentradas em analisar se um sujeito era letrado ou não letrado

racialmente, ou sequer abordavam o racismo estrutural. O foco da maioria dos estudos possuía caráter educacional, com base em experiências de pesquisas de campo realizadas com professores e alunos. O ambiente no qual os objetos do estudo estavam inseridos também foram considerados.

Concretizar socialmente o entendimento do racismo através dos conceitos apresentados por Guiner e Twine (2004) sobre letramento racial possibilita uma visão minuciosa e categórica de como o racismo opera nos pilares da sociedade, e como a possibilidade de dismantelar essa estrutura se torna uma possibilidade através do pensamento coletivo. O letramento racial crítico pode ser uma ferramenta de apoio e informação, tornando-se um recurso eficaz com um foco sobre raça e racismo, através de perspectivas individuais, institucionais e sociais, pois:

Para termos uma sociedade mais justa, igualitária e equitativa, temos que mobilizar todas as identidades, ou seja, a identidade racial branca e a identidade racial negra para refletir sobre raça, racismo e possíveis formas de letramento racial crítico. [...] (FERREIRA, 2015a, p. 36)

Laughter, Pellegrino, Waters e Smith (2021) apontaram inconsistências na aplicação dos conceitos de letramento racial apresentados por Guiner e Twine (2004) nos estudos analisados, onde foram mais utilizados os conceitos apresentados por Guiner (2004) do que os de Twine (2004), apontando como principal motivo dessa escolha o fato de a apresentação das definições de letramento racial por Guiner (2004) sejam mais consistentes, enquanto o processo exploratório apresentado por Twine (2004) possui maior densidade e sofreu com alterações a medida em que as entrevistas com famílias inter raciais foram realizadas.

É necessário observar que no processo de letramento racial, algumas práticas podem ficar ocultas em meio ao seu desenvolvimento. O fato de focar em apenas um indivíduo ou um grupo específico pode acarretar na perda de relatos de experiências vividas por sujeitos negros e não-negros, deixando lacunas no processo de aprendizagem em descolonizar o letramento. Diante disso:

Letramento racial crítico reflete sobre raça e racismo. Possibilita-nos ver o nosso próprio entendimento de como raça e racismo são tratados no nosso dia a dia, e o quanto raça e racismo têm impacto em nossas identidades sociais e em nossas vidas, seja no trabalho, seja no ambiente escolar, universitário, seja em nossas famílias, seja nas nossas relações sociais. [...] entender a importância de utilizar o letramento racial crítico [...] é de extrema relevância para que assim

possa também colaborar para que tenhamos uma sociedade mais justa, com igualdade e com equidade.” (FERREIRA, 2015b, p. 138)

Laughter, Pellegrino, Waters e Smith (2021) ressaltam a importância de explorar pesquisas sobre letramento racial crítico, pois ao fazer essas análises, se desenvolve um olhar crítico para a diversidade étnico-racial, pois o entendimento sobre raça e racismo vai além da discriminação contra a população negra. Discutir sobre letramento racial evidencia os efeitos do racismo, que precisam ser reconhecidos, entendidos e abordados.

Unir teoria e pesquisa neste campo permite a expansão do letramento racial além da sala de aula para trazê-la para fora do campo acadêmico. O racismo é uma patologia social, onde não basta somente o tratamento dos sintomas, mas em combater totalmente a doença para evitar sua propagação, que causa mal-estar.

Twine e Steinbugler (2006) desenvolveram uma pesquisa de campo com 121 famílias inter-raciais heterossexuais, homossexuais e lésbicas no Reino Unido e no leste dos Estados Unidos, para identificar o letramento racial em pessoas brancas dessas famílias, e como identificavam práticas racistas decifrando códigos em situações cotidianas, reconhecendo seus privilégios na sociedade como sujeitos brancos, membros de uma família inter-racial, diante seus cônjuges negros, e como poderiam contribuir para combater o racismo em seus lares e na comunidade.

Para Twine e Steinbugler (2004), constatou-se que o letramento racial é um conjunto de práticas, constituindo uma alternativa de análise que sirva como resposta às desigualdades raciais e as hierarquias do racismo. Através de uma gramática racial, é exercício diário a ser realizado por pessoas negras e não negras, através do diálogo, observação e ponto de vista sociopolítico, que proporciona mudanças na forma como pensamos sobre discriminação e consciência racial.

Entretanto, letrar-se racialmente não é um caminho pronto, pavimentado, bem sinalizado e com um destino seguro. É um caminho que demanda imaginação política, escuta ativa, observação e comprometimento para entender de que ponto se parte e onde se está. (VIEIRA, 2022, p. 61)

O estudo foi realizado com base no conceito de “dupla consciência”, abordado por W.E.B. DuBois (2021) em seu livro *As almas do povo negro*, pois no meio dessas famílias inter-raciais, existiam um sentimento de dualidade em ambos os lados.

Enquanto pessoas brancas que possuem relacionamentos afetivos com pessoas negras desenvolvem uma visão duplicada, onde não se torna perceptível com facilidade práticas racistas no cotidiano com seus parceiros, a capacidade de perceberem a si mesmos como indivíduos racializados se dificulta, enquanto para pessoas negras esse sentimento de dualidade é imediato, pois:

O negro é uma espécie de sétimo filho, nascido como um véu e dotado de clarividência neste mundo americano - um mundo que não lhe deixa tomar uma verdadeira consciência de si mesmo e que lhe permite ver a si mesmo apenas através da revelação do outro mundo. É uma sensação peculiar, essa consciência dual, essa experiência de sempre enxergar a si mesmo pelos olhos dos outros, de medir a própria alma pela régua de um mundo que se diverte ao encará-lo com desprezo e pena. O indivíduo sente essa dualidade [...]. Duas almas, dois pensamentos, duas lutas inconciliáveis; dois ideais a disputa em um corpo escuro, que dispõe apenas de sua força obstinada para nos partir ao meio. (DUBOIS, 2021, p. 22-23.)

Essa sensação de não pertencimento é explícita principalmente para mulheres negras, em consequência de sua raça e gênero. Enquanto a branquitude é vista como uma fonte lucrativa do racismo, na maioria das vezes, uma pessoa negra em um relacionamento inter-racial é vista como alguém em busca de aceitação social, buscando vantagens nos espaços sociais e geográficos através da união com um indivíduo branco.

Para Twine e Steinbugler (2006), a branquitude, em sua zona de conforto, utiliza como argumento a falta de um letramento racial em seu cotidiano a inocência racial, por mais que sejam corriqueiras em seus lares através de seus filhos e cônjuges, onde é necessário um engajamento para iniciar uma ruptura nesse processo, preenchendo lacunas nas estruturas das hierarquias raciais antes invisíveis. Ao tirar a venda, a branquitude é interpretada, negociada e implicada como um projeto racista.

Para Mosley (2010), o letramento racial pode ser tanto uma ferramenta de libertação quanto de opressão, pois a alfabetização se tornou racializada como propriedade branca. Compreender o que é ser racista ou antirracista depende de uma linguagem no contexto cultural, onde as identidades são construídas nos espaços sociais. As mudanças serão feitas na medida em que as pessoas fizerem questionamentos sobre seus privilégios sociais através do letramento.

A dupla faceta do privilégio branco permite que a mudança social aconteça, porém, ao exercer esse poder, necessariamente se mantém o sistema de opressão em vigor. Diante disso, as práticas de letramento racial, como forma de letramento sociocrítico, são reconhecidas dentro dos grupos sociais dominantes com brechas. Portanto, “Letramento racial crítico é uma corrente dos letramentos que se propõe a estudar e entender como as relações de poder são engendradas para modelar as identidades de raça e como essas identidades atuam no seio das sociedades.” (PEREIRA; LACERDA, 2019, p. 95).

Para Chávez-Moreno (2022), existe um dilema em classificar pessoas como racialmente letradas ou não letradas. As práticas de letramento racial desvendam as injustiças raciais e encorajam as pessoas a entender as consequências do racismo e seu impacto na sociedade. As definições de letramento racial servem para se relacionarem de acordo com o desenvolvimento de uma consciência crítica. Diante disso, reconhecer o racismo não é uma decisão neutra, mas sim política, onde “propõe uma relação com essa verdade que seja capaz de transformar a perspectiva dos indivíduos e produzir sujeitos que percebam a racialização que os produz”. (SEVERO, 2021, p. 6408).

Nem todas as pessoas possuem uma consciência antirracista, onde a interpretação dessas práticas reforça a continuidade desse sistema. “Se o dispositivo racial produz sujeitos brancos e não brancos, os sujeitos produzidos pelas práticas de si do letramento racial podem ser tanto sujeitos brancos letrados quanto sujeitos não brancos letrados.” (SEVERO, 2021, p. 6409). O letramento racial é uma prática sociocultural que pode ser usada, de forma consciente ou não, para dar sentido às ideologias raciais, onde é apoiada a construção de significados distintos sobre raça e racismo.

Os brancos, favorecidos historicamente em relação à pessoas racializadas, produzem um discurso hegemônico de poder, linguagem e colonialismos. Assim, “Talvez seja prudente ressaltar que o letramento racial não é uma doutrina, mas o resultado de práticas cuja origem se encontra no olhar crítico que os discursos da Negritude e, conseqüentemente, dos Estudos Críticos da Branquitude, propõem.” (SEVERO, 2021, p. 6410).

Na visão de Vieira (2022), o letramento racial se divide entre um letramento racial crítico e antirracista, pois a responsabilidade da branquitude é subjetiva. O processo de letramento racial nunca acaba, visto que não se trata apenas de

conscientizar o sujeito branco, pois fazer parte desse processo inclui tanto sujeitos não-brancos quanto sujeitos brancos. Identificar as formas de opressão, também é uma forma de iniciar o reconhecimento da branquitude como privilégio no processo de tornar-se letrado racialmente, pois, no entendimento de Vieira:

Articulo o letramento racial crítico por parte de sujeitos que se beneficiam da condição de privilégio da branquitude como um processo necessário ao reconhecimento da complexidade e capilaridade dos racismos e consequentemente, para a construção e exercício de práticas antirracistas. (VIEIRA, 2022, p. 58)

O racismo é um fenômeno social que possui uma linguagem opressiva e discriminatória, onde práticas de exclusão e perseguição de pessoas negras é vista como uma norma a ser seguida, criando um sistema em que o próprio racismo é usado como letramento, pois: “Quando uma pessoa branca reproduz o racismo e não percebe seu lugar racial, significa que ela possui um tipo de letramento racial, mas em termos racistas.” (VIEIRA, 2022, p. 61)

Harrelson (2021) atribui o letramento racial de pessoas brancas como um processo de destreza racial, onde é necessária uma compreensão perspicaz, exigindo capacidade de reconhecer, descrever e responder aos chamados nuances raciais. O conceito de destreza racial, é diferente do letramento racial, pois seu objetivo requer mais uma habilidade social do que cognitiva. Trata-se de adaptar de forma efetiva a um ambiente com diversidade étnico-racial.

Além disso, a razão pela qual pessoas brancas possuem dificuldades em seu processo de letramento é comparada com o oposto do letramento racial: a ingenuidade racial, onde não se consegue perceber as tensões raciais nas relações ou espaços sociais, dentre eles as redes sociais como os perfis do Instagram, objeto deste estudo. Harrelson (2021) também aborda a ansiedade racial como um dos fatores para a importância do letramento racial para pessoas brancas, onde o desconforto gerado em um contexto fora do habitual não se trata de insulto racial, mas sim de um produto gerado pelos princípios da inocência e ansiedade raciais. O reconhecimento da própria branquitude é um elemento chave no desenvolvimento de um letramento racial.

A ingenuidade racial é uma espécie de incapacidade de observar ou responder aos dilemas raciais, também classificado como ignorância racial. Diante disso, o

letramento racial, surge como um antídoto para esse discurso. Harrelson (2021) identificou três aspectos comuns de como a ingenuidade branca se manifesta: desconsideração da raça nas relações sociais: a raça nunca foi considerada como um fator importante para a escolha do círculo de amizades ou relacionamentos afetivos, onde relacionar-se com uma pessoa negra é visto como uma preferência pessoal; Denominar um grupo social pela sua nomenclatura correta: chamar alguém de negro, pardo ou indígena causa desconforto ao sujeito branco, onde argumentam a não existência de classificar pessoas pela raça, pois fazer a mesma poderia soar como um ato ofensivo. A falta de referências é atribuída a necessidade do uso de um vocabulário racial adequado; Falta de contato com outras culturas: a incapacidade ou o medo de compartilhar experiências ou seus pontos de vista sobre discriminação racial é atrelada pela ausência do contato com outras culturas além da eurocêntrica. Estar na companhia de pessoas negras não significa necessariamente um desenvolvimento expressivo de um letramento racial.

Evitar as armadilhas de culpa branca e ingenuidade racial é criar um mecanismo de vulnerabilidade para o sujeito branco, onde perceber o papel da raça em situações discriminatórias cria um processo de identificação e entendimento do sofrimento do negro nos espaços sociais. “A branquitude procura se resguardar numa pretensa idéia de invisibilidade, ao agir assim, ser branco é considerado como padrão normativo único.” (CARDOSO, 2010, p. 611). Esse padrão normativo se fundamenta em informações circulantes na sociedade que balizam um imaginário coletivo onde tudo o que é interligado aos padrões culturais europeus se considera inigualável, enquanto costumes advindos de culturas africanas, indígenas e asiáticas tende a ser rechaçado, visto com suas tradições apontadas como excêntricas e irrelevantes.

Para Harrelson (2021), a ansiedade racial é uma espécie de doença racial, tendo como soluções práticas o letramento racial e a destreza racial. Transtornos emocionais causam impactos diretos ou indiretos no comportamento humano, e a ansiedade racial pode ser considerada também como uma reação ao sentimento de ameaça de sujeitos brancos nas comunidades racializadas. Corrigir a ignorância racial por uma diversidade de letramentos raciais é considerar as diferenças de raça, gênero, classe e condições financeiras que afetam as identidades e as desigualdades raciais.

Para Rapchak (2019), é impossível analisar um ambiente de informação sem compreender qual o impacto da opressão estrutural em relação às pessoas de cor. O

combate ao racismo continua sendo uma questão permanente na luta pelo letramento informacional, principalmente nas instituições de ensino superior. Não há mecanismos para examinar como o racismo estrutural molda o ambiente da informação, que é um passo necessário para combater o racismo nos espaços informacionais. Enfrentar o racismo e a supremacia branca é compreender esses fenômenos como contextos históricos em busca da igualdade racial.

Como entidades de ensino superior, as bibliotecas e a Biblioteconomia perpetuaram essas práticas racistas. O currículo da área ignora a questão da raça, o que a torna cúmplice nas estruturas racistas nas quais está inserida. A falta de preparação em lidar com a questão racial faz com que bibliotecários de cor sofram micro agressões raciais, onde às vezes sua presença ou contratação é efetivada somente para preencher uma lacuna de diversidade racial nas instituições. Pois:

Impregnadas de um olhar ocidentalizado, a atividade de ensino de Biblioteconomia e CI e a prática do profissional da informação/bibliotecário necessita ser atualizada frente à realidade brasileira, levando em conta o contexto sociopolítico e cultural no qual os profissionais em formação atuam. (CARDOSO, 2015, p. 21-22)

Uma abordagem antirracista em prol do letramento racial tem como objetivo enfrentar a supremacia branca, onde é necessário reconhecer o racismo estrutural no acesso e disseminação da informação. O letramento racial crítico pode ser um fomento de combate a discriminação, desmantelando as estruturas de opressão, onde as vozes historicamente silenciadas e marginalizadas são ouvidas e possibilita repensar o privilégio branco como uma construção histórica de poder e controle. Essa abordagem não pode ser neutra, pois ao descolonizar a biblioteca e o currículo proporciona um ambiente mais justo, onde é criada uma resposta diante das tensões raciais. Diante disso,

A biblioteca não pode ser pensada separadamente da sociedade: ela é uma instituição social, portanto orientada por ideologias e formas de relacionamento. Assim, seria impossível que a biblioteca, enquanto instituição social inserida em qual sociedade ficasse privada das marcas do racismo. (CARDOSO, 2015, p. 19)

Para Rapchak (2019), o letramento racial permite a discussão sobre raça nos espaços informacionais a serem explorados de modo significativo, com o apoio das próprias instituições ou dos atores sociais que nela atuam. Feitas essas

considerações, na seção a seguir, são apresentados os aspectos que norteiam a pesquisa.

3 METODOLOGIA

Estudo fundamentado no método indutivo, de natureza básica estratégica, de caráter exploratório-descritivo e abordagem qualitativa, utilizando o método de pesquisa netnográfica. A netnografia consiste em “uma forma especializada de etnografia adaptada às contingências específicas dos mundos sociais de hoje mediados por computadores.” (KOZINETS, 2014, p. 9-10). Com o intuito de identificar as práticas e competências informacionais de sujeitos de determinado espaço digital, “tem-se adotado o uso do termo único netnografia para referir-se à abordagem da etnografia aplicada ao estudo de culturas e comunidades online.” (KOZINETS, 2014, p. 14), assim, identificando as necessidades e características de um determinado grupo social/étnico.

O processo exploratório teve início a partir da observação de páginas no Facebook e Instagram voltadas para a população negra, visando o objetivo de identificar comunidades virtuais que fortalecem a identidade negra e oferecessem ações de combate ao racismo através das práticas informacionais aplicadas. A escolha do Instagram ocorreu em razão da agilidade na postagem das publicações e da interação entre os usuários, além dos recursos da plataforma, de curta duração e linguagem acessível que despertam o interesse, aumentando o engajamento entre os usuários.

A fase inicial se fundamentou através da análise de páginas sobre eventos com foco no povo negro na área da Ciência da Informação, pois em virtude da predominância branca na profissão, a dificuldade de identificar uma comunidade virtual que promovesse ações de combate a discriminação racial e que estivesse diretamente atrelada a disseminação da informação, resultou em dificuldades na escolha da fonte de informação.

O processo exploratório teve início no mês março de 2022 através da observação sistemática das plataformas supramencionadas. A observação sistemática teve início no mês de maio de 2022, considerando a possibilidade de novas publicações em duas fontes de informação sobre aspectos da negritude: a página do *facebook* do evento “Encontro Nacional de Bibliotecárias/os Negras/os e Antirracistas e o perfil no Instagram “Primeiros Negros”. Considerando que, na página

do *facebook*, não houve uma frequência significativa de publicações, foi descartada a possibilidade de utilizar essa comunidade para análise das informações.

Diante disso, foi realizada uma análise de perfis sobre questões étnico-raciais pelo Instagram, onde foi selecionada o perfil “Primeiros Negros”, em virtude de seu perfil possuir 1.834 seguidores e 200 publicações. Todas as postagens foram analisadas, e foram escolhidas 47 postagens, posteriormente reduzidas para 33, selecionando aquelas que abordavam ações de letramento racial e questões de gênero, principalmente sobre a mulher negra e suas contribuições na sociedade, pois:

Ainda que o Instagram não nos forneça informações raciais dos seus usuários, seria possível afirmar que as expectativas estéticas e o repertório cultural dos usuários que interagiram com esses textos visuais parecem ser alimentados por crenças da branquitude cisheteropatriarcal. (FERREIRA, 2021, p. 90)

O perfil “Primeiros Negros” foi criada como um apoio para o seu site, que tem como objetivo resgatar a ancestralidade negra, apresentando figuras pioneiras em diversas áreas, como na ciência, história e artes, de diversos gêneros e nacionalidades para potencializar e incentivar a juventude negra, trazendo o pensamento que toda e qualquer contribuição do povo negro para a sociedade é valiosa, seja através do espaço acadêmico ou não. O perfil foi criada e idealizada em 2020, pela jornalista Tania Regina Pinto, uma mulher negra.

A técnica de coleta de dados foi executada através da Análise de Conteúdo das publicações do perfil no Instagram, para identificar como as práticas informacionais desta comunidade poderiam ser utilizadas como fontes de informação étnico-racial, promovendo o letramento crítico.

Também foi realizado um contato com a autora do perfil na data de (APÊNDICE A). Em virtude de aguardar o retorno da autora para elaborar um questionário, tentativa esta sem sucesso, optamos em virtude do prazo de encaminhamento do TCC para a banca, descartar esta alternativa, sendo assim, focando nossas análises sobre o perfil do Instagram “Primeiros Negros” exclusivamente na análise de conteúdo.

Os dados foram obtidos a partir da captura de imagens das publicações do perfil do Instagram, salvos e organizados por categorias em pastas do Google Drive.

Em relação ao tema, foram criadas 9 subcategorias fruto da interpretação das postagens: Concursos de beleza, Cultura pop, Esportes, História, Jornalismo, Literatura, Música/Artes, Política e Saúde.

Em relação a forma de composição das postagens, em sua maioria, são compostas de imagens, seguidas de texto corrido.

A organização dos dados foi executada através de uma planilha no Excel, através de categorias e subcategorias criadas com o objetivo de explorar de forma detalhada o conteúdo das publicações. O *corpus* de dados foi preenchido através da observação diária do perfil, entre o período mencionado anteriormente.

O procedimento adotado foi o de análise de conteúdo. Uma análise de conteúdo “diz respeito a técnicas de pesquisa que permitem tornar replicáveis e válidas inferências sobre dados de um determinado contexto, por meio de procedimentos especializados e científicos.” (MINAYO, 2014, p. 303).

Dentro das categorias existentes de análise de conteúdo, a análise temática foi abordada nesta pesquisa. “Fazer uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objeto analítico visado.” (MINAYO, 2014, p. 316). Suas principais etapas são: pré-análise, exploração do material selecionado e tratamento dos resultados obtidos e interpretação dos dados.

Uma vez em que esta pesquisa possui um grau de complexidade, pelo tema escolhido, uma análise aprofundada das informações a serem coletadas exige cautela na interpretação dos mesmos, para compreender os fatores que ocasionam o racismo e a falta de representatividade do povo negro na Biblioteconomia.

Apresentamos o corpus de dados com as categorias e subcategorias criadas para este estudo, tendo como referência o quadro analítico de Eufrásio (2021).

Quadro 1 - Categorias e subcategorias emergidas

CATEGORIAS	SUBCATEGORIAS
<p>Tema da postagem</p> <p>Assunto central relativo ao conteúdo principal das postagens</p>	<p>História- postagens relativas a aspectos históricos da população ou de mulheres negras</p> <p>Política</p> <p>Artes</p>
<p>Forma de composição da postagem</p> <p>Recursos informacionais/ formatos/suportes utilizados na composição do conteúdo postagens</p>	<p>Fotografia</p> <p>Imagem (gravura, pintura)</p> <p>Texto</p> <p>Vídeo</p> <p>Hashtag</p>
<p>Prática informacional</p> <p>Práticas de compartilhamento, produção e troca de informações que promovam o letramento racial</p>	<p>Produção - postagem produzida pela autora</p> <p>Compartilhamento - postagem obtida de outra(s) fonte(s) de informação e publicizadas pela autora</p> <p>Troca - postagem produzida ou compartilhada obtida de outra(s) fonte(s) de informação e nas quais era possível evidenciar a interlocução entre a autora e os usuários do perfil</p>
<p>Tipo de mensagem</p> <p>Formato de apresentação do conteúdo das postagens</p>	<p>Questionamento</p> <p>Curiosidade</p> <p>Citação</p> <p>Opinião</p>

<p style="text-align: center;">Intencionalidade</p> <p>Objetivo inferido do conteúdo apresentado nas postagens</p>	<p>Enaltecer- exaltar a importância de figura histórica/artística/política</p> <p>Informar- trazer dados referentes a um aspecto específico</p> <p>Destacar- evidencia uma figura ou fenômeno histórico, artístico ou político</p> <p>Elogiar- prestígio de ações realizadas</p> <p>Referenciar- menciona ou indica feitos ou contribuições em determinado espaço ou período</p> <p>Contestar- traz uma reflexão crítica a dilemas atrelados as questões de raça e gênero, regularmente banalizadas pela sociedade, porém, de expressiva relevância</p>
---	---

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Na próxima seção, serão apresentados os resultados da análise de 33 postagens do perfil do Instagram Primeiros Negros, destacando o conteúdo das postagens de maior relevância e os comentários destas publicações, com recorte de assuntos com foco nas mulheres negras.

4 ANÁLISE DOS DADOS

Apresentamos as interpretações relativas aos conteúdos do *corpus* de dados obtidos do processo exploratório. A forma de apresentação da análise dos conteúdos está organizada, considerando a categorias obtidas, quais sejam: tema da postagem, forma de composição da postagem, prática informacional, tipo de mensagem e intencionalidade.

Relativo a categoria **tema da postagem**, foi observado que das 33 analisadas, 15 (45%) do tema são sobre Artes, 11 (33%) sobre Política e 7 (22%) sobre História. Em relação às curtidas, as mesmas obtiveram um total de 5.449 curtidas. A média foi 169,22 curtidas e a moda foi de 2 comentários.

A segunda das categorias obtidas, **a forma de composição das postagens**, teve a seguinte distribuição: das 33 postagens, 31 (94%) foram fotografias, textos e hashtag, seguidas de 1 (3%) de gravura e 1 (3%) de vídeo. A terceira categoria formulada, **prática informacional**, teve a seguinte distribuição: a partir das 33 postagens, 18 (55%) foram práticas de compartilhamento, 12 (36%) de produção e 3 (9%) de troca. A quarta categoria, **tipo de mensagem**, teve a seguinte organização: as postagens estão subdivididas em 42% como curiosidades, 39 % como questionamentos, e 19% como opinião com citações. A quinta e última categoria, **intencionalidade**, mostrou que das 33 postagens, 33% tiveram a função de enaltecer, seguido de 30% de informar. Foi observado um empate de 18% entre as intencionalidades de destacar e contestar, enquanto 9% incidiram em referenciar, e 6% em elogiar. A seguir destacamos entre as publicações postadas, as mais representativas no que tange a caracterizações concernentes às categorias obtidas.

Entre as publicações postadas, merece destaque a postagem intitulada “Dona Ivone Lara, a enfermeira que virou cantora”, tendo a peculiaridade de que diferentemente das outras 33 postagens recebeu o total de 1.381 curtidas e que teve como tema a Arte.

Figura 1 - Postagem Dona Ivone Lara



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Podemos depreender que a postagem recebeu um número tão expressivo de curtidas em virtude de abordar uma mulher, negra e cantora, referência no samba, e sua influência na música brasileira, além de possuir formação em Enfermagem e Serviço Social, atuando tanto na música quanto em sua formação profissional. Quanto à forma de apresentação da postagem, contém um trecho da canção “Sonho Meu”, uma das músicas mais conhecidas da cantora.

A importância de Dona Ivone Lara, além de suas músicas, está em ser a maior expoente em um gênero musical considerado exclusivamente masculino, onde além desta, conta com as contribuições de mulheres que são pioneiras no samba, figuras que moldaram o gênero musical samba que conhecemos atualmente. A forma de composição da postagem se fundamenta em texto, fotografia e hashtag, informações características dos conteúdos no Instagram. A prática informacional de compartilhamento de informações pode ser evidenciada em razão da divulgação de alguns fatos sobre a vida e a carreira de Dona Ivone Lara.

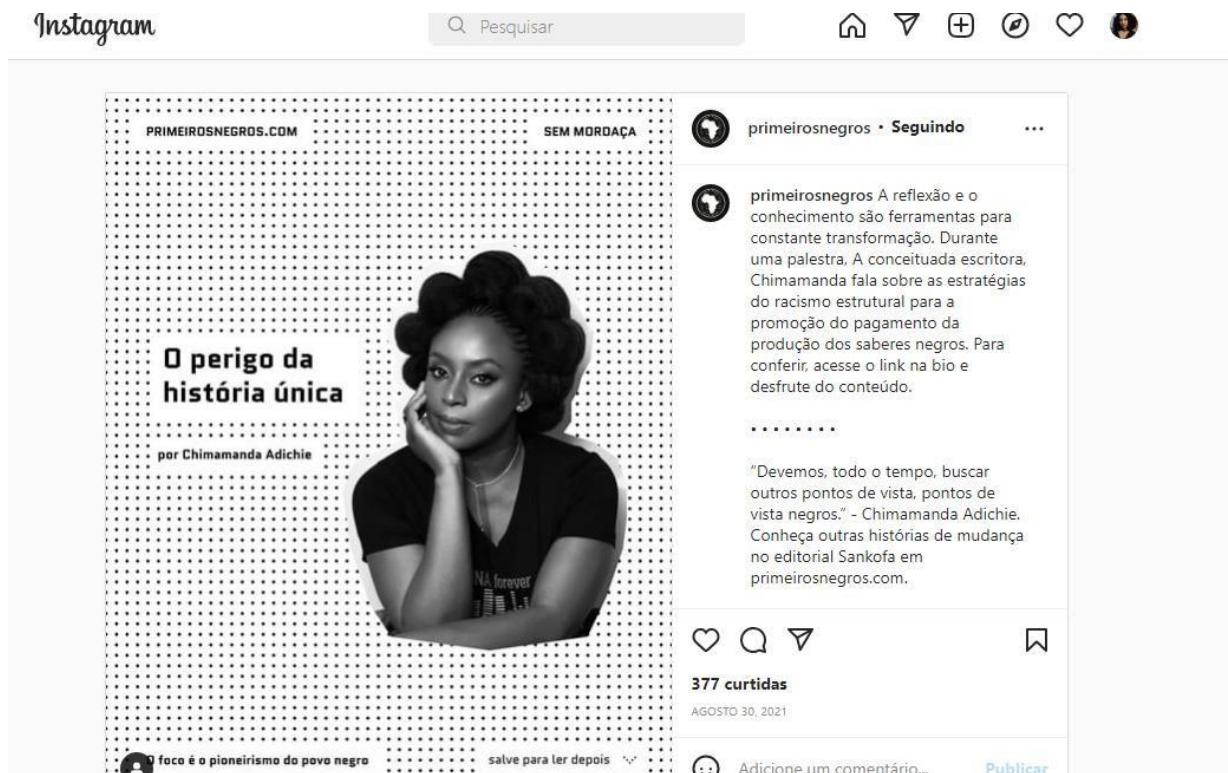
Ademais, o tipo de mensagem se pauta em informações que evidenciam uma curiosidade em relação a cantora e compositora. O destaque à mulher negra e

cantora tem a intencionalidade de enaltecer e informar sobre a vida da cantora e compositora.

Todos esses aspectos demonstram que a prática de letramento adotada destaca aspectos relativos a uma mulher negra. Nesse sentido o letramento racial busca desconstruir a reprodução inconsciente de práticas problemáticas, manifestações do racismo estrutural naturalizadas, conforme os ensinamentos de Ferreira (2015).

Dando continuidade na análise dos temas das postagens, o exemplo mais representativo dessa categoria é a postagem “O perigo de uma História Única”, título dado ao livro da escritora Chimamanda Ngozi Adichie, que teve como tema a Política. A forma de composição da postagem se fundamenta em fotografia, texto e hashtag. A prática informacional de compartilhamento é manifestada através da divulgação da obra da autora que possui o mesmo título da postagem, através de um trecho retirado do livro e inserido no post. O tipo de mensagem traz um questionamento, com a intencionalidade de enaltecer mulheres negras.

Figura 2 - Postagem Chimamanda Adichie



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A relevância desta postagem pode estar relacionada ao fato da escritora ser uma figura representante do feminismo negro, que traz reflexões e discussões sobre a pauta racial, representatividade de gênero e ruptura do patriarcado e do elitismo no contexto social, assim como Lélia Gonzalez, Angela Davis, Bell Hooks, Sueli Carneiro e Maria Beatriz Nascimento também são representantes na luta pelos direitos da mulher negra. Essas escolhas demonstram que a autora do perfil efetiva práticas informacionais de letramento racial na medida em que busca suscitar discussões que permitem ampliar a compreensão acerca das relações de poder que incidem sobre mulheres negras. (ALMEIDA, 2019; FERREIRA, 2015)

Prosseguindo com as interpretações, em relação à subcategoria, encontra-se a postagem intitulada "A dança de resistência de Mercedes Baptista", que teve como tema a Arte. Podemos observar que a postagem recebeu um número significativo de curtidas e comentários pelo fato de Mercedes Baptista ser a primeira bailarina clássica negra do Brasil, inspirando futuras bailarinas negras através do talento e resistências demonstrados por suas coreografias, tendo em vista a hiper sexualização da mulher negra representada na dança, principalmente na época do Carnaval.

Figura 3 - Postagem Mercedes Baptista

PRIMEIROSNEGROS.COM PIONEIRISMOS

A dança de resistência de Mercedes Baptista

por Tania Regina Pinto

O foco é o pioneirismo do povo negro [salve para ler depois](#)

primeirosnegros • Seguindo

primeirosnegros Você sabe quem foi a primeira bailarina clássica negra do Brasil? Mercedes Baptista é esta pioneira. Natural de Campos dos Goytacazes, fundou o balé afro e foi a primeira a introduzir o elemento coreográfico aos desfiles carnavalescos do Rio.

Paramos por aqui? Que nada! Acesse o link na bio para conferir o artigo completo com essa história cheia de gingado.

.....

Aproveite que já está aqui e conte para nós: você já conhecia o balé afro?☑

908 curtidas

JUNHO 4, 2021

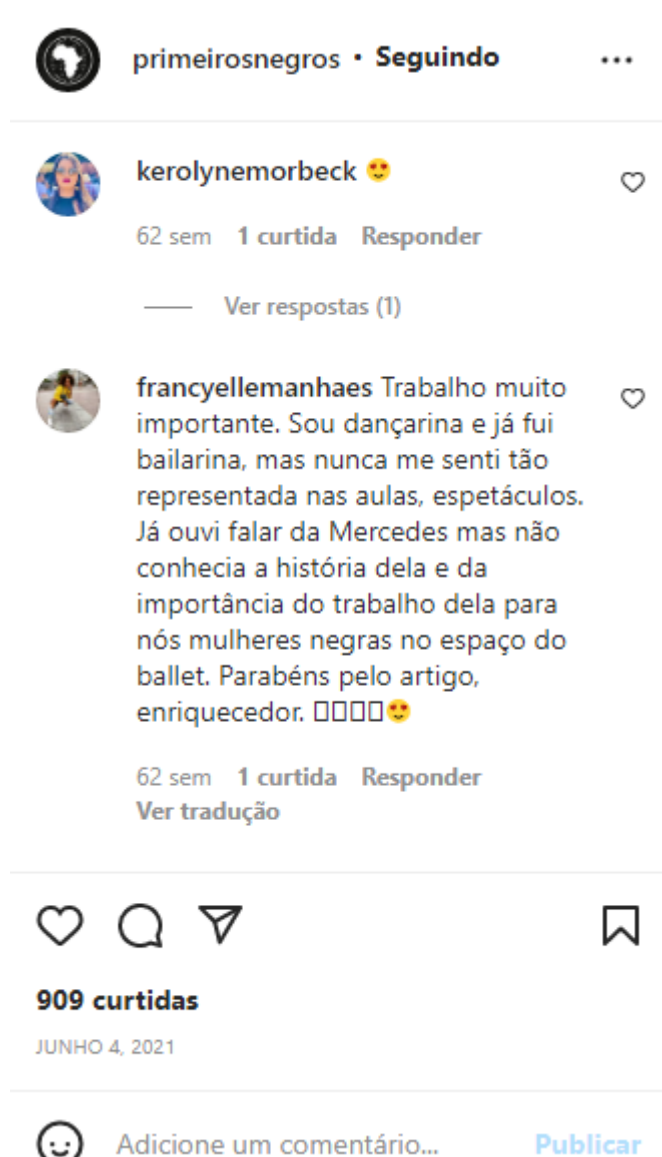
Adicione um comentário... [Publicar](#)

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Podemos observar que a postagem recebeu um número significativo de curtidas e comentários pelo fato de Mercedes Baptista ser a primeira bailarina clássica negra do Brasil, inspirando futuras bailarinas negras através do talento e resistências demonstrados por suas coreografias. O impacto da carreira de Baptista é reconhecido através dos comentários relacionados ao post.

De acordo com o segundo comentário apresentado na figura 4, a seguidora do perfil, uma mulher negra, dançarina, e que já atuou como bailarina, relata sobre a influência de Mercedes Baptista em sua carreira, pois não se sentia representada nas apresentações e nas aulas de balé, pela predominância de mulheres brancas neste meio.

Figura 4 - Comentários do post sobre Mercedes Baptista



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A forma de composição da postagem se caracteriza por fotografia, texto e hashtag. As práticas informacionais de compartilhamento e troca se manifestam através da divulgação da vida e trajetória artística da bailarina e coreógrafa para aqueles que desconheciam sua história, e na interação entre os usuários em celebrar a carreira e a influência de Mercedes Baptista, trazendo a intencionalidade em enaltecer a artista, manifestada através de mais comentários feitos no post do Instagram.

Figura 5 - Segunda parte de comentários sobre Mercedes Baptista



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Na figura acima, observamos mais dois comentários enaltecendo a influência de Mercedes Baptista, sendo o primeiro comentário de um seguidor, que trabalha como professor, reconhecendo a potência do trabalho da artista, sendo assunto de um material didático elaborado para ministrar suas aulas. O segundo comentário enfatiza sua relevância como uma figura a ser celebrada, relatando sua satisfação ao ver uma postagem em homenagem à bailarina. Essas homenagens se concretizam como manifestações de valorização das mulheres negras, o que implica mencionar que tais práticas atribuem o devido destaque a essas mulheres. (GUINER, 2004)

Dando seguimento nas análises, merece destaque a postagem intitulada “Bakhita e Nhá Chica: a primeira santa africana e a primeira beata”, que teve como tema a História.

Figura 6 - Postagem Bakhita e Nhá Chica



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

A forma de composição da postagem se caracteriza por fotografia, texto e hashtag, tendo como práticas informacionais o compartilhamento e a troca. O tipo de mensagem se apresenta como uma curiosidade, e sua intencionalidade incide em referenciar e destacar estas figuras religiosas negras, tendo em vista o silenciamento sobre raça na Igreja Católica, onde “o catolicismo entre os negros foi um palco para disputas muito mais amplas do que a religião em si, o que estava em jogo eram as relações de poder, dominação e de expressão cultural.” (YOUNES, 2018, p. 29).

Do total de comentários feitos nesta postagem, 3 estão em destaque: uma troca de informações entre uma seguidora e a criadora do perfil, onde neste compartilhamento de conhecimentos, é identificada outra santa africana além de Bakhita pela própria seguidora, pois a mesma é católica e devota de Santa Efigênia da Etiópia, figura religiosa identificada por ela.

Figura 7 - Comentários de seguidora e fundadora do perfil

The image shows a social media interface. At the top, the profile 'primeirosnegros' is shown as 'Seguindo' (Following) with a profile picture of a map of Africa and the word 'Santos'. Below the profile is a post with the text: '#Santa #Benevolencia #Catolicismo #Devocao #Pioneirismo' and '85 sem Ver tradução'. Below the post are two comments. The first comment is from 'rosariofatima' asking 'A 1a Santa africana negra não foi Santa Efigênia, na Etiópia, no primeiro século?' (The 1st African black saint was not Saint Efigênia, in Ethiopia, in the first century?). The second comment is from 'primeirosnegros' replying to 'rosariofatima' and providing historical context: 'Você me fez ir atrás dessa história. Obrigada Rosário. Vou escrever sobre Ifigênia da Etiópia. Antes da formação da Igreja Católica, era o povo que "elegia" os santos - geralmente os mártires do cristianismo e os eremitas. Ifigênia é desta época. Bakhita é santa da era moderna, das canonizações papais, que só começam em 1170. Valeu muito.' (You made me go after this story. Thank you Rosário. I will write about Ifigênia of Ethiopia. Before the formation of the Catholic Church, it was the people who "elected" the saints - generally the martyrs of Christianity and the hermits. Ifigênia is of this era. Bakhita is a saint of the modern era, of the papal canonizations, which only began in 1170. Thank you very much.)

primeirosnegros • Seguindo Santos

#Santa #Benevolencia #Catolicismo #Devocao #Pioneirismo
85 sem Ver tradução

rosariofatima A 1a Santa africana negra não foi Santa Efigênia, na Etiópia, no primeiro século? 1 curtida Responder Ver tradução

Ocultar respostas

primeirosnegros @rosariofatima Você me fez ir atrás dessa história. Obrigada Rosário. Vou escrever sobre Ifigênia da Etiópia. Antes da formação da Igreja Católica, era o povo que "elegia" os santos - geralmente os mártires do cristianismo e os eremitas. Ifigênia é desta época. Bakhita é santa da era moderna, das canonizações papais, que só começam em 1170. Valeu muito. 62 sem Responder Ver tradução

40 curtidas
DEZEMBRO 28, 2020

Adicione um comentário... Publicar

Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Além disso, evidenciamos a postagem “A pauta das pretas”, com 8 curtidas e que teve como tema a Política. A forma de composição da postagem se caracteriza por fotografia, texto e hashtag, onde a prática informacional identificada foi a produção de um texto com reflexões a serem discutidas. O tipo de mensagem traz uma opinião formulada pela criadora do perfil, com a intencionalidade de questionar.

Figura 8 - Postagem a pauta das pretas



Fonte: Dados da pesquisa (2022)

Embora a publicação não tenha um número significativo de curtidas ou comentários, seu significado simboliza a realidade de várias mulheres negras no país. De acordo com os dados trazidos no texto da postagem, observa-se a violência que mulheres negras sofrem diariamente, onde é necessário ter representação de diversidade de gênero e raça na produção, disseminação, compartilhamento e uso da informação, pois ao desenvolver ações que desconstruem e eliminem o racismo no cotidiano, na qual a abordagem da violência de gênero, dentro do racismo, também incorpora uma prática de letramento racial.

Por fim, como representação significativa do reconhecimento do letramento racial em múltiplos espaços de produção, compartilhamento e troca de informações, está a postagem Projeto Cabelo Afro Feminino, que teve como tema a Política. Refere-se a divulgação de um projeto desenvolvido pelo professor de Filosofia Paulo Estevam, da Escola Estadual República do Panamá, em São Paulo. Trata-se de um exemplo de ação de letramento racial, com o objetivo de trabalhar a autoestima de meninas negras durante e no período escolar.

Figura 9 - Postagem Projeto Cabelo Afro Feminino



Fonte: Dados da pesquisa (2022).

A forma de composição da postagem se caracteriza por fotografia, texto e hashtag. A prática informacional de compartilhamento é evidenciada através da divulgação do projeto, onde o tipo de mensagem é composto pelo questionamento, com a intencionalidade de enaltecer.

Discutir esta questão é essencial para combater a violência psicológica desencadeada pelo racismo que meninas negras sofrem. Desde a infância, as piadas racistas, humilhações por parte de colegas, professores, vizinhos ou conhecidos, a falta de representatividade de mulheres negras na mídia, cultura, cargos de liderança e ambientes de trabalho e/ou lazer, causam traumas e gatilhos que afetam a saúde mental até o fim da vida.

Nesse sentido, enaltecer a beleza do cabelo crespo torna-se um ato de posicionar-se contra os padrões estabelecidos e considerados como beleza: corpos brancos, magros, de olhos claros e cabelos lisos. O cabelo crespo é um símbolo de resistência contra o racismo, e assumir e ensinar meninas negras a se amarem representa uma potente atuação do letramento racial. (TWINE, 2004).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo analisou práticas informacionais de letramento racial efetivadas no perfil do Instagram Primeiros Negros. Essa proposta surgiu da necessidade de compreender práticas de produção, compartilhamento e troca de informações. Além disso, essa compreensão de conceitos foi articulada como forma de desvelamento do fenômeno. Isso ocorreu pelo fato da autora deste estudo se sentir desconfortável pela falta de representação da questão racial em sua formação bibliotecária. Ademais, a compreensão de práticas informacionais fundamentadas no letramento racial permite que através de distintas formas de apresentação e composição de conteúdos no Instagram sejam desveladas relações de poder que se fundamentam em uma perspectiva de branquitude, de tal forma que a atribuição de visibilidade e empoderamento das mulheres negras, possa se efetivar no âmbito das redes sociais, e se proliferar para o restante da sociedade, respondendo ao problema de pesquisa. As discussões teóricas permitiram elencar aspectos relativos às práticas informacionais, destacando aspectos históricos os atrelando aos conceitos balizadores do estudo, como forma de articular tais perspectivas empíricas ao fenômeno.

As discussões sobre raça e informação étnico-racial permitiram demonstrar que, em virtude do letramento racial, o mesmo consiste em desnaturalizar manifestações do racismo. Ademais, o desdobramento da compreensão deste fenômeno, permite promover ações que combatam a reprodução inconsciente de estereótipos atrelados à imagem da mulher negra.

Buscou-se neste trabalho apresentar como se caracterizam as práticas informacionais de letramento racial no perfil do Instagram Primeiros Negros. Em relação aos objetivos, procurou-se evidenciar a importância em resgatar o letramento racial no compartilhamento, produção e disseminação da informação; compreender os conceitos de informação étnico-racial, letramento racial e letramento racial crítico; analisar as múltiplas perspectivas de práticas informacionais de raça e gênero voltadas para a população negra.

A escolha deste perfil do Instagram incidiu no fato do trabalho desenvolvido promover ações de desconstrução do racismo através da produção, compartilhamento e troca de informações, possibilitando o processo de letramento racial e crítico.

Foi aplicado o método netnográfico, utilizando o procedimento de análise de conteúdo, desenvolvido a partir de março de 2022, através da observação sistemática de duas fontes de informação étnico-racial entre os meses de maio e agosto de 2022, que possibilitou o desenvolvimento do corpus de dados das postagens aqui analisadas.

Outros aspectos balizaram as contribuições que podem ocorrer com o presente estudo, observando aspectos do letramento racial e crítico que se fundamentam em distintas práticas. É preciso destacar que tanto a entrada no campo e as análises das práticas informacionais imbricaram técnicas tradicionais não utilizadas na Ciência da Informação.

Os resultados obtidos permitiram que se chegasse a cinco categorias: tema, forma de composição, prática informacional, tipo de mensagem e intencionalidade. A partir das observações das postagens agrupadas nestas categorias descritas, constatamos que o letramento racial se constitui em ações de visibilidade e esclarecimento a questões sobre a população negra, especialmente as mulheres, discussões que vinham incidindo a esta parcela subjugada da população.

Este estudo trouxe uma expressiva contribuição metodológica, sobretudo para para desvelar e emergir o fenômeno em futuros trabalhos que venham a explorar os recursos do Instagram. O fortalecimento das identidades consiste em um processo de empoderamento, onde o letramento racial e crítico se manifesta ao possibilitar ao sujeito informacional reconhecer-se como pessoa negra, promovendo mudanças em seu senso crítico e desconstruindo o efeito social do racismo estrutural, contribuindo em defesa da educação antirracista nos espaços informacionais.

Dessa forma, sugerimos que outros estudos possam ser apresentados observando a temática aqui elencada. Tal sugestão acena para ampliação de análises quanto a fenômenos, que a partir da informação, desveladores de relações de poder concentradas no binômio gênero e raça.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

AMORIM, Fabiana Borelli; TOMAÉL, Maria Inês. O uso de sistemas de informação e seus reflexos na cultura organizacional e no compartilhamento de informações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 74-91, jan./jun. 2011. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/pgc/article/view/9938>. Acesso em: 22 set. 2022.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários da informação: comparação entre estudos de uso, de comportamento e de práticas a partir de uma pesquisa empírica. **Informação em pauta**, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 61-78, 2016. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/informacaoempauta/article/view/2970/2694>. Acesso em: 03 jul. 2022.

BANTON, Michael. Aspectos sociales de la cuestión racial. In: UNESCO. **Cuatro declaraciones sobre la cuestión racial**: la Unesco y su programa. Fontenoy: Unesco, 1969. p. 17-30. Disponível em: https://poblacionafroperuana.cultura.pe/sites/default/files/cuatro_declaraciones_sobre_la_cuestion_racial.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

BANTON, Michael. Etnogênese. In: BANTON, Michael. **A ideia de raça**. Lisboa: Edições 70, 1977. p. 153-173.

BERTI, Ilemar Christina Lansoni Wey; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários e práticas informacionais: do que estamos falando? **Informação & Informação**, Londrina, v. 22, n.2, p. 389- 401, 2017. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/33832>. Acesso em: 02 jul. 2022.

CARDOSO, Francilene do Carmo. **O negro na biblioteca**: mediação da informação para construção da identidade negra. Curitiba: CRV, 2015. 114 p.

CARDOSO, Lourenço. Branquitude acrítica e crítica: A supremacia racial e o branco anti-racista. **Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud**, Manizales, v. 8, n. 1, p. 607-630, jan./jun. 2010. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/Colombia/alianza-cinde-umz/20131216065611/art.LourencoCardoso.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2022.

CHÁVEZ-MORENO, Laura C.. Critiquing Racial Literacy: presenting a continuum of racial literacies. **Educational Researcher**, Thousand Oaks, v. 51, n. 4, p. 1-8, 4 maio 2022. Educational Research. American Educational Research Association (AERA). <http://dx.doi.org/10.3102/0013189x221093365>. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.3102/0013189X221093365>. Acesso em: 27 jun. 2022.

COSTA, Fernanda Carla da Silva; MELO, Daniella Alves. Racismo é (só) falta de informação? **Folha de Rosto**, Juazeiro do Norte, v. 7, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/669>. Acesso em: 13 jul. 2022.

DUBOIS, W. E. B.. **As almas do povo negro**. São Paulo: Veneta, 2021. 296 p. Tradução de Alexandre Boide.

EUFRÁSIO, Sabrina Clavé. **Práticas informacionais**: um estudo netnográfico à luz das informações étnico-raciais. 2021. 154 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/238046>. Acesso em: 12 jul. 2022.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. **Letramento racial crítico através de narrativas autobiográficas: com atividades reflexivas**. Ponta Grossa: Estúdio Texto, 2015. 174 p.

FERREIRA, Aparecida de Jesus. Narrativas autobiográficas de professoras/es de línguas na universidade: Letramento racial crítico e Teoria racial crítica. In:

FERREIRA, Aparecida de Jesus (Org.). **Narrativas Autobiográficas de Identidades Sociais de Raça, Gênero, Sexualidade e Classe em Estudos da Linguagem**. Campinas, SP. Pontes Editora, p. 127-160, 2015;

FERREIRA, Gianmarco Loures; QUEIROZ, Marcos Vinícius Lustosa. A trajetória da Teoria Crítica da Raça: história, conceitos e reflexões para pensar o Brasil. **Teoria Jurídica Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 201-229, 26 dez. 2018.

Programa de pós-graduação em Direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rjur/article/view/18291>. Acesso em: 06 jul. 2022.

FERREIRA, Maria Aparecida Gomes. O olhar como performance de gênero: letramento interseccional no Instagram. **Revista Tecnologia & Cultura**, Rio de Janeiro, ed. esp., p. 83-92, 2021. Edição especial em comemoração aos 10 anos do Programa de Pós-graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER) do Cefet/RJ (2021). Disponível em: http://www.cefet-rj.br/attachments/article/195/revista_especialPPRER.pdf. Acesso em: 15 jul. 2022.

GOMES, Nilma Lino. Movimento negro e educação: ressignificando e politizando a raça. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 33, n. 120, p. 727-744, jul./set. 2012. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/es/a/wQQ8dbKRR3MNZDJkP5cfZ4M/?lang=pt>. Acesso em: 18 jul. 2022.

GUINIER, Lani. From racial liberalism to racial literacy: Brown v. Board of Education and the interest-divergence dilemma. **Journal of American History**, Bloomington, v. 91, n. 1, p. 92-118, 2004. Disponível em: <https://academic.oup.com/jah/article/91/1/92/799945> . Acesso em: 27 jun. 2022.

HARRELSON, Kevin J.. White Racial Literacy and Racial Dexterity. **Educational Theory**, Urbana-Champaign, v. 71, n. 2, p. 203-221, abr. 2021. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/edth.12473>. Acesso em: 10 jul. 2022.

JOHANSSON, Veronica.; LIMBERG, Louise. Seeking critical literacies in information practices: reconceptualising critical literacy as situated and tool-mediated enactments of meaning. **Information Research**, Borås, v. 22, n. 1, p. 1–16, 2017. Disponível em: <http://informationr.net/ir/22-1/colis/colis1611.html>. Acesso em: 24 jul. 2022.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014. 203 p. Tradução de Daniel Bueno.

LAUGHTER, Judson; PELLEGRINO, Anthony; WATERS, Stewart; SMITH, Michelle. Toward a framework for critical racial literacy. **Race Ethnicity And Education**, Edgbaston, p. 1-21, 14 maio 2021. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/13613324.2021.1924130>. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/351590148_Toward_a_framework_for_critical_racial_literacy. Acesso em: 04 jul. 2022.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014. 407 p.

MOSLEY, Melissa. 'That really hit me hard': moving beyond passive anti-racism to engage with critical race literacy pedagogy. **Race Ethnicity and Education**, Edgbaston, v. 13, n. 4, p. 449-471, 2010. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13613324.2010.488902>. Acesso em: 27 jun. 2022.

MUNANGA, Kabengele Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3., 2004, Niterói, RJ. **Anais eletrônicos** [...]. Niterói, RJ: UFF, 2004. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitualdas-nocoos-de-raca-racismo-dentidade-e-etnia.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2022.

OLIVEIRA, Henry Poncio Cruz de; AQUINO, Mirian de Albuquerque. O conceito de informação etnicorracial na Ciência da Informação. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 466-492, 2012. Disponível em: <https://www.brapci.inf.br/index.php/res/v/90559>. Acesso em: 12 jul. 2022.

OLSSON, Michael; LLOYD, Annemaree. Being in place: embodied information practices. **Information Research**, Boras, v. 22, n. 1, p. 1-12, mar. 2017. Disponível em: <http://informationr.net/ir/22-1/colis/colis1601.html>. Acesso em: 24 jul. 2022.

PEREIRA, Ariovaldo Lopes; LACERDA, Simeia Silva Pereira de. Letramento racial crítico: uma narrativa autobiográfica. **Travessias**, Cascavel, v. 13, n. 3, p. 90-106, set./dez. 2019. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/23612>. Acesso em: 29 jun. 2022.

PINTO, Flávia Virgínia Melo; ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila. Estudos de usuários: quais as diferenças entre os conceitos comportamento informacional e práticas informacionais? **Ciência da Informação em Revista**, Maceió, v. 6, n. 3, p. 15–33, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/cir/article/view/8037>. Acesso em: 3 jul. 2022.

PRIMEIROS NEGROS. **Sobre**. Disponível em: <https://primeirosnegros.com/sobre/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

RABELLO, Rodrigo; ALMEIDA JUNIOR, Oswaldo Francisco de. Usuário de informação e ralé estrutural como não-público: reflexões sobre desigualdade e invisibilidade social em unidades de informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, João Pessoa, v. 30, n. 4, p. 1-24, 25 jan. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/ies/article/view/57350>. Acesso em: 17 jul. 2022.

RAPCHAK, Marcia. That Which Cannot Be Named: the absence of race in the framework for information literacy for higher education. **Journal Of Radical Librarianship**, College Station, v. 5, n. 1, p. 173-196, out. 2019. Disponível em: <https://journal.radicalibrarianship.org/index.php/journal/article/view/33>. Acesso em: 04 jul. 2022.

ROCHA, Eliane Cristina de Freitas; GANDRA, Tatiane Krempser; ROCHA, Janicy Aparecida Pereira. Práticas informacionais: nova abordagem para os estudos de usuários da informação. **Biblios: Journal of Librarianship and Information Science**, [S.L.], n. 68, p. 96-109, 12 jan. 2018. University Library System, University of Pittsburgh. <http://dx.doi.org/10.5195/biblios.2017.445>. Disponível em: <http://www.scielo.org/pe/pdf/biblios/n68/a07n68.pdf>. Acesso em: 22 set. 2022.

SALDANHA, Patrícia. **Práticas informacionais no portal Geledés: histórias e representações sociais sobre mulheres negras**. 2021. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/230414>. Acesso em: 08 set. 2022.

SANTOS JÚNIOR, Edimar Alcantara dos. Trajetória acadêmica na Biblioteconomia e na Ciência da Informação: onde estão as mulheres pretas? In: SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da (org.). **Bibliotecári@s negr@s: perspectivas feministas, antirracistas e decoloniais em biblioteconomia e ciência da informação**. Florianópolis: Rocha Gráfica e Editora, 2021. p. 119-160. (Selo Nyota).

SEVERO, Renata Trindade. Letramento racial e técnicas de si. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 6400-6415, jul./set. 2021. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/82010>. Acesso em: 29 jun. 2022.

SILVA, Franciéle Carneiro Garcês da; GARCEZ, Dirnéle Carneiro; FEVRIER, Priscila Rufino; ALVES, Ana Paula Meneses. Justiça social e população negra: um olhar teórico-crítico para competência em informação. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 27, n. 2, p. 129-162, abr./jun. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/pci/article/view/40060>. Acesso em: 10 ago. 2022.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Do compartilhamento da informação ao conhecimento coletivo. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 7, 2006, Marília. **Anais [...]**. Marília: Ancib, 2006. p. 1-12. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/178760>. Acesso em: 22 set. 2022.

TWINE, France Winddance. A white side of black Britain: The concept of racial literacy. **Ethnic and racial studies**, London, v. 27, n. 6, p. 878-907, 2004. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/0141987042000268512>. Acesso em: 20 jun. 2022.

TWINE, France Winddance; STEINBUGLER, Amy C. The gap between whites and whiteness: interracial intimacy and racial literacy. **Du Bois Review: Social Science Research on Race**, Cambridge, v. 3, n. 2, p. 341-363, set. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/231775543_The_gap_between_whites_and_whiteness_Interracial_Intimacy_and_Racial_Literacy. Acesso em: 06 jul. 2022.


VIANA, Nildo. Raça e etnia. In: SANTOS, Cleito Pereira dos; VIANA, Nildo (org.). **Capitalismo e questão racial**. Rio de Janeiro: Corifeu, 2007. p. 8-23.

VIEIRA, Bárbara Danielle Morais Vieira. Letramento racial: da emergência de uma formulação. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 21, ed. esp., p. 53-64, 1 abr. 2022. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/60366>. Acesso em: 29 jun. 2022.

YOUNES, Bruno Roque. Catolicismo negro: palco de disputas culturais na sociedade marianense entre 1770-1820. In: ENCONTRO ESTADUAL DA HISTÓRIA DA ANPUH-SC, 17., 2018, Joinville. **Anais [...]**. Joinville: Univille, 2018. p. 3-31. Disponível em: https://www.encontro2018.sc.anpuh.org/resources/anais/8/1524434212_ARQUIVO_CATOLICISMONEGRO-PALCODEDISPUTASCULTURAIASOCIADAEMARIANENSEENTRE1770-1820.pdf. Acesso em: 24 set. 2022.

APÊNDICE A – CONTATO COM O PERFIL

Pesquisa TCC » 🖨 🔗

 **Áuria Machado** <auria.machado.rosa@gmail.com>
para contato ▾ seg., 18 de jul. 10:36 ☆ ↶ ⋮

Bom dia!
Sou aluna do curso de Biblioteconomia da UFRGS, e estou fazendo meu TCC sobre práticas informacionais e letramento racial no Instagram. Gostaria de saber se a idealizadora do site, Tania Regina Pinto, teria interesse e disponibilidade em participar de um questionário sobre letramento racial, branquitude e informação étnico racial.
Caso aceite, gostaria de saber em qual dia e horário ficaria melhor para enviar o questionário.

Obrigada!

Att,
Áuria Machado da Rosa

↶ Responder ↷ Encaminhar